



As chuvas intensas de maio: o desastre que coloca nos holofotes a importância da gestão de riscos

Ceped / 27 de junho de 2024 / Cidades

Cidades | A professora Alexandra Passuello, da Universidade do Recôncavo da Bahia, fala sobre os eixos orientadores da gestão de riscos

*Foto: Marcelo Pires/JU

O Rio Grande do Sul terá um longo caminho a percorrer para se recuperar do desastre que assolou o estado no fatídico mês de maio. O povo gaúcho vivenciou um desastre de proporções épicas, jamais visto antes, que expôs a fragilidade de nossos territórios e a urgência de implementarmos uma cultura eficaz de gestão de riscos.

Infelizmente, os eventos extremos observados em maio de 2024 não se caracterizam como uma situação isolada. Eles foram a concretização de um prenúncio que já havíamos recebido em 2023, quando diversos municípios do Vale do Taquari foram seriamente afetados pelas precipitações intensas.

O que vivenciamos este ano foi a materialização de uma sobreposição de efeitos, onde as mudanças climáticas e o El Niño tiveram um papel crucial. Eventos climáticos extremos, com concentração de grandes volumes de chuvas, desencadeando inundações, enxurradas e movimentos de massa, bem como secas e ondas de calor, se tornarão cada vez mais frequentes e intensos.

A tragédia que assolou o Rio Grande do Sul evidenciou a necessidade urgente de aprimorarmos a gestão de riscos no estado. Apesar da magnitude e extensão territorial das precipitações, cujas consequências superaram a capacidade de imaginação da maioria da população, diversos fatores contribuíram para a grandiosidade do desastre.

As consequências desse evento extremo exigem uma revisão imediata da forma como ocupamos e gerimos nosso território. Adequar edificações e infraestruturas à nova realidade, melhorar nossos sistemas de monitoramento e alerta, qualificar a percepção de risco da população e capacitá-la para situações adversas, além de elaborar planos de contingência mais eficazes, são medidas cruciais para evitar tragédias semelhantes no futuro.

A gestão de riscos é um processo cíclico que visa identificar, avaliar, prevenir e mitigar os riscos de desastres, mas também pensar a recuperação pós-desastre objetivando a prevenção. Trata-se de uma ferramenta fundamental para proteger vidas, patrimônio e o meio ambiente.

A Política Nacional de Proteção e Defesa Civil (Lei 12.608/2012) define cinco eixos de atuação e que orientam para a gestão de riscos:

1. **Prevenção:** medidas para evitar a ocorrência de desastres, como a ocupação ordenada do solo, a construção de infraestrutura resiliente, qualificação da percepção de risco e a capacitação para uma cultura de prevenção.
2. **Mitigação:** medidas para reduzir os impactos dos desastres, como a recuperação de áreas degradadas e a construção de obras de contenção de encostas e proteção contra cheias.
3. **Preparação:** medidas para preparar as pessoas e instituições para responderem aos desastres, como a elaboração de planos de contingência e a realização de simulados.
4. **Resposta:** ações imediatas para salvar vidas e minimizar os danos em caso de desastre, como o resgate de vítimas e a distribuição de ajuda humanitária.
5. **Recuperação:** medidas para reconstruir as áreas afetadas e restaurar as condições de normalidade, com foco na prevenção de novos desastres.

Articular e implementar uma gestão de riscos eficaz é um dever do Estado em todos os níveis: federal, estadual e municipal. É preciso investir em recursos humanos, materiais e tecnológicos para fortalecer os sistemas de gestão de riscos. A gestão de riscos também exige a participação da sociedade civil. A população deve estar informada sobre os riscos de desastres e saber como se preparar para esses eventos.

Ao investir na gestão de riscos, podemos construir um futuro mais seguro e viável para todos. Essa ferramenta crucial permite reduzir significativamente o impacto de desastres, protegendo patrimônio público e privado, o meio ambiente e, principalmente, vidas.

A nossa triste experiência deve servir como um alerta e um chamado à ação. Esperamos que ela incentive a implementação de medidas eficazes de gestão de riscos no Rio Grande do Sul e sirva como lição para todo o Brasil.

1.

Alexandra Passuello é professora da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, pesquisadora do CEPED RS e pós-doutoranda no Instituto de Pesquisas Hidráulicas da UFRGS.

Semanalmente, integrantes do Centro de Estudos e Pesquisas em Desastres (CEPED RS), órgão vinculado à UFRGS, escrevem sobre a cultura de prevenção contra desastres para a seção Cidades. A curadoria é de **Ana Karin Nunes**.

:: Posts relacionados



Reflexões sobre práticas de Gestão de Pessoas no contexto das crises climáticas do Rio Grande do Sul



Apoio geotecnológico nas encostas do Rio Grande do Sul

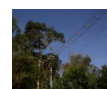


A prevenção a desastres naturais exige cooperação entre estado e cidadãos



Desafios da comunicação de risco em desastres

:: ÚLTIMAS



Corredores ecológicos entre áreas preservadas são essenciais para a manutenção da biodiversidade



Apoio geotecnológico nas encostas do Rio Grande do Sul



Equilibrando-se na tempestade: resiliência, resistência, adaptação



Avaliação postural em evidência



Gênero, sexualidade e raça no contexto do Pole Dance



Carta aos leitores | 11.07.24



Carta aos leitores | 04.07.24



Mobilização duradoura de cidadãos voluntários evidencia a necessidade de se repensar modelo de administração pública



Energias renováveis e mudanças climáticas



Os impactos das inundações nos museus de Porto Alegre e no direito à cidade

INSTAGRAM

jornaldauniversidadeufrgs
@jornaldauniversidadeufrgs

Follow

REALIZAÇÃO

JORNAL DA UNIVERSIDADE

UFRGS
SECOM

UFRGS

CONTATO

Jornal da Universidade
Secretaria de Comunicação Social/UFRGS

Av. Paulo Gama, 110 | Reitoria – 8.andar | Câmpus Centro | Bairro Farroupilha | Porto Alegre | Rio Grande do Sul | CEP: 90040-060

(51) 3308.3368

jornal@ufrgs.br

View on Instagram